

## FAMÍLIA BARRETO, DE CABEÇO DE VIDE, PORTUGAL

*Marcelo Meira Amaral Bogaciovas*

**Resumo:** *Estudo da família Barreto, cristãos-novos da vila de Cabeço de Vide (Alto Alentejo), bispado de Elvas, Portugal. Por serem judaizantes, vários membros da família foram presos e processados pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora. Desta família, três irmãos foram povoadores de São Paulo, Brasil, na primeira metade do século XVII: Gaspar, João e Francisco Barreto.*

**Abstract:** *Study of the Barreto's family, new Christians in the village of Cabeço de Vide (Alto Alentejo), bishopric of Elvas, Portugal. Because they are Judaizers, several family members were arrested and prosecuted by the Court of the Holy Office of the Inquisition of Évora. Of this family, three brothers were old residents of São Paulo, Brasil, in the first half of the seventeenth century: Gaspar, João and Francisco Barreto.*

### Introdução

Este estudo dá continuidade à pesquisa sistemática que venho realizando sobre a presença de cristãos-novos no Estado de São Paulo, Brasil, mesmo após a defesa da dissertação de mestrado, cujo tema era exatamente esse.<sup>1</sup>

Em setembro de 2007, depois de muitos anos de ausência, iria retornar para Portugal. Muito antes de viajar, como faço sempre, passei a planejar detalhadamente o que e onde pesquisar. Não somente para ganhar tempo e poupar dinheiro, mas para garantir a excelência das buscas. Neste particular, a equipe profissional da Torre do Tombo já havia desenvolvido (e depois aperfeiçoou) um sítio na internet (atualmente: <http://digitalq.arquivos.pt>), onde facilitaram sobremaneira o que se quer descobrir em seus arquivos.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Tribulações do Povo de Israel na São Paulo Colonial*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 2006. Orientação da Professora Doutora Anita Novinsky.

<sup>2</sup> Deve-se enfatizar, muito além da importância do acervo do Arquivo da Torre do Tombo, a refinada técnica e presteza de seus funcionários.

Sempre à procura de povoadores paulistas, notadamente os mais antigos, dos séculos XVI ao XVIII, entre algumas centenas de possibilidades hipotéticas, anotei alguns processos que ligavam *Barretos* e *Pintos* a Cabeço de Vide, presos pelo crime de judaísmo no Tribunal do Santo Ofício de Évora. Eu, então, os perscrutei atrás de indícios se os irmãos Gaspar Barreto, João Barreto e Francisco Barreto, povoadores de São Paulo, pertenciam àquele grupo familiar. Apenas tinha conhecimento, por documentos, que eram naturais da vila de Cabeço de Vide, Portugal, filhos de Francisco Barreto e de Brites Pinto.

Da euforia ao desânimo: nem todos os processos da Inquisição de Évora, jurisdição que compreendia Cabeço de Vide, vêm à mesa de consulta. Isso porque muitos deles estão em mau estado de conservação. Mas, daqueles que pude manusear, apareceram, realmente, indícios. Que, naquele momento, não me pareceram nada conclusivos. Muito embora tenha encontrado o casal Francisco Barreto – Brites Pinto nesses documentos, seus filhos foram nomeados Gaspar Dias, João Luís e Francisco Barreto. E não há citação de que foram para a vila de São Paulo, apenas que haviam saído do Reino.

A declaração mais interessante deu-se quando a irmã desses últimos, Mécia Pinto (adiante, no § 4) foi ouvida em sessão realizada em 23 de março de 1649 nos cárceres da Inquisição de Évora. Disse ser cristã-nova, viúva, natural da vila de Cabeço de Vide e moradora na de Fronteira, de 75 anos de idade. Sobre esses seus irmãos depôs o seguinte:

*E os ditos Gaspar Dias e Francisco Barreto embarcaram-se sendo solteiros e de pouca idade haverá muitos anos.*

*E o dito João Luís foi casado em Cabeço de Vide com Inês Aires cristã-nova, e foi tratante de quem lhe ficaram umas crianças que morreram e depois de novo se embarcou também e não sabe se é vivo nem os outros irmãos.*

Outro importante depoimento foi o da sobrinha de Gaspar Dias, João Luís e Francisco Barreto, Brites Pinto (adiante, no § 5), feito em 26 de março de 1649, na mesma Inquisição de Évora. Fez menção ao tio João Luís, que embarcou para fora do Reino, sendo casado, e que tivera uma filha, Brites, que morrera de pouca idade. Aqui nascia outra incerteza quanto a serem os mesmos que vieram para São Paulo: quando João Barreto casou-se, em São Paulo, não foi dito que era viúvo.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Obviamente que essa questão não é determinante. Era comum cada pároco seguir normas próprias de transcrição de assento de matrimônio e fazer, ou não, menção ao estado dos noivos. Deve-se ressaltar que a noiva era viúva, o que também não foi consignado no registro.

De 2007 para cá, a pesquisa não progrediu, porque os processos continuaram impedidos de virem à mesa dos utentes da Torre do Tombo. Já sabia, de antemão, que não estavam disponíveis inventários orfanológicos na região. Percebi, então, que restava um único e derradeiro recurso para elucidar o caso: fazer uma varredura nos livros de assentos de batizados, casamentos e de óbitos de Cabeço de Vide. O que iria demandar bastante tempo, mesmo estando disponibilizados na internet, e podendo realizar a pesquisa em casa.

Foi, então, o que fiz, neste ano de 2015, resolvido a concluir o estudo. Após buscas exaustivas nos registros paroquiais de Cabeço de Vide, não restou dúvida sobre a existência de uma possível homonímia. Ali só havia um casal chamado Francisco Barreto e Brites Pinto no período suposto. Portanto, não havia contestação: tratavam-se dos mesmos!.. Deduz-se que Gaspar Dias alterou seu nome para Gaspar Barreto, e João Luís para João Barreto. Ao menos adotaram esses apelidos quando chegaram à então vila de São Paulo, entre pouco antes de 1612 e 1635. É bem possível, senão provável, que assim o fizeram para se prevenir de futuros problemas com a Inquisição, com o propósito de dificultarem o reconhecimento de suas identidades. Faziam parte de uma família bem estabelecida e possivelmente antiga e influente na comunidade cristã-nova da vila de Cabeço de Vide, que abrigava grande contingente de marranos.<sup>4</sup> Apesar dos temores com a Inquisição, que poderia atormentá-los em qualquer momento, ali achavam-se em casa. A proximidade com a Espanha era estratégica, pois permitia o desenvolvimento do comércio, notadamente o clandestino, e o país vizinho ainda serviria de refúgio, quando se dava o cerco aos judaizantes.<sup>5</sup>

O ápice da perseguição à família deu-se entre 1643 e 1649, em Portugal, com a prisão de vários de seus membros. Aliás, foram exatamente esses processos, mais de uma dezena, que permitiram a composição deste trabalho, acrescido de registros paroquiais.

Não se sabe se os Barretos, quando vieram para o Brasil, praticavam o judaísmo em São Paulo. Se o fizeram, deu-se de maneira escondida e camuflada, pois não provocaram denúncias e, em vista disso, não sofreram represália alguma. Houve, ao menos, duas fintas (impostos) exclusivas sobre cristãos-novos de São Paulo. Uma em 1613, outra em 1624. De ambas foi responsável Gaspar Gomes (citado adiante, em § 7 n.º IV), que os poupou de pagar taxas.

---

<sup>4</sup> Marrano era o cristão-novo que aparentava ter se convertido ao catolicismo, mas que, no íntimo, permanecia judeu. Óbvio que era para evitar problemas com a Inquisição.

<sup>5</sup> TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Judeus e cristãos-novos no distrito de Portalegre*. In *A cidade: Revista Cultural de Portalegre*, Portalegre, n.º 3 (nova série), janeiro-junho, 1989, pp. 37-53.

A propósito, a Inquisição não os tinha como suspeitos da fé, até porque não foram denunciados pelos seus parentes em Portugal. Percebe-se que foram propositalmente esquecidos até mesmo nas sessões de genealogia, constantes dos processos adiante referidos, nas quais os irmãos, tios e primos deveriam ser nomeados e declarados os lugares onde viviam.

Deve-se observar que era bastante comum, à época, a comunicação entre parentes, apesar da distância entre Brasil e Portugal, por meio de cartas ou por recados verbais através de parentes, amigos e conterrâneos. Portanto, ficou evidente que os três irmãos foram omitidos deliberadamente. Dois deles, João Barreto e Francisco Barreto estavam vivos no momento das prisões em Portugal (1643-1649).

Considerando que João Barreto, ou antes, João Luís (do § 2 n.º III) casou-se em Cabeço de Vide com duas parentes suas, uma delas em terceiro grau de consanguinidade, e que Francisco Barreto (do § 1 n.º II) tinha uma prima-irmã em Cabeço de Vide, é possível concluir que a família ali estava havia gerações. E a lógica aponta que, ao menos, os pais de Ana Barreto, mulher de Gaspar Dias, foram ali moradores. Aliás, os pais deste casal, já seriam, pelo tempo, judeus batizados em pé, à força, tendo adotado os apelidos Dias e Barreto, tornando-se troncos de uma frondosa árvore marrana em Cabelo de Vide e Fronteira.

Se não me falha a memória, o genealogista Luiz Gustavo de Sillos, pouco antes da viagem de 2007, também me fez lembrar de tentar encontrar processos dos Barretos. A ele, meus agradecimentos pelas indicações.

Deve-se registrar que Luiz E. Simonetti, em 2012, deu subsídios para um trabalho, de André L. Fr. Claeys, que pode ser visto na internet, onde foi descrita, pela primeira vez, a ascendência cristã-nova dos três irmãos Barretos de São Paulo.<sup>6</sup>

Passemos, então, ao texto. O enquadramento genealógico só foi possível com a utilização dos processos do Tribunal do Santo Ofício. É preciso advertir que apenas com as fontes paroquiais, que não indicavam filiação nos assentos matrimoniais, não seria possível esboçar o esquema que segue.

X X X X X X

## GENEALOGIA DA FAMÍLIA BARRETO

---

<sup>6</sup> Ver em [http://www.bparah.azores.gov.pt/genealogias/genealogias+a.claeys/pdfs/andre\\_claeys-geschiedenis\\_van\\_de\\_brugse\\_Lem\\_\(1337-1900\)-%5Bnieuw2012%5D.pdf](http://www.bparah.azores.gov.pt/genealogias/genealogias+a.claeys/pdfs/andre_claeys-geschiedenis_van_de_brugse_Lem_(1337-1900)-%5Bnieuw2012%5D.pdf)

## § 1

I- GASPAR DIAS, tendeiro.<sup>7</sup> Casou-se, por volta de 1540, com ANA BARRETO, da vila de Cabeço de Vide, bispado de Elvas. Viviam em Cabeço de Vide, que foi vila até meados do século XIX, e hoje é uma freguesia do concelho de Fronteira, distrito de Portalegre, Alto Alentejo, Portugal. Dos assentos existentes de óbitos da igreja matriz de Cabeço de Vide, Nossa Senhora das Candeias, de 1568 a 1605, há, pelo menos, dois de nome Gaspar Dias. Um faleceu em janeiro de 1573 (fls. 25v) e outro, qualificado como tendeiro, faleceu em 21 de outubro de 1590 (fls. 70v), sendo testamenteiro seu genro (mas não conheço genro do n.º I, em quem se inicia este trabalho). Foram pais de, ao menos:

1 (II)- FRANCISCO BARRETO, que segue.

2 (II)- PEDRO DIAS BARRETO, mercador. Casou-se em Cabeço de Vide com BRANCA RODRIGUES, também cristã-nova. Com filhos que já eram defuntos em 1649, conforme depoimento de sua sobrinha Mécia Pinto ao Santo Ofício. Descobri dois filhos:

1 (III)- GASPAR, batizado em 4 de janeiro de 1573 em Cabeço de Vide (fls. 45v).

2 (III)- INÊS, batizada em 26 de setembro de 1576 em Cabeço de Vide (fls. 102).

II- FRANCISCO BARRETO, nasceu por volta de 1545 em Cabeço de Vide. Mercador. Era primo-irmão de Catarina Barreto, igualmente cristã-nova, que teria ensinado a lei de Moisés para Mécia Pinto, adiante, sua filha. Casou-se, cerca de 1569, ignora-se onde (conservaram-se apenas assentos de casamentos de Cabeço de Vide a partir de 1606) com BRITES PINTO, nascida cerca de 1553, possivelmente em Lisboa (conforme o depoimento de sua neta Catarina Barreto, do § 7 n.º IV). Ela era irmã de João Luís, ourives, casado em Lisboa com uma cristã-velha, com geração, e de Catarina Ferreira.<sup>8</sup> Brites e seus irmãos eram igualmente cristãos-novos, filhos de João Luís, mercador, natural de Monforte, e de Mécia Pinto, natural de Lisboa. Como o último filho do casal, Francisco Barreto, nasceu póstumo,

<sup>7</sup> Tendeiro era aquele que vendia em tendas, em área fora de uma loja, coberta por pano ou por tabuado. *Apud* BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 8 v. Vol. 8.º, pp. 93-94.

<sup>8</sup> Segundo o depoimento de Mécia Pinto, o ourives João Luís teve a Luís da Silva e Ana Pinto. Sem mais notícias.

infere-se que o marido de Brites Pinto faleceu no ano de 1594 (os assentos de óbitos, no período, são falhos). Foram pais de:

- 1 (III)- ANA, batizada em 14 de janeiro de 1571 em Cabeço de Vide (fls. 18). Foram padrinhos o Senhor Cristóvão de Miranda e Ana Pinto. Deve ter falecido criança.
- 2 (III)- ANA, batizada em 10 de dezembro de 1573 em Cabeço de Vide (fls. 60). Foram padrinhos Diogo Barrassa e Branca ....., filha de Mestre João. Deve ter falecido criança.
- 3 (III)- MÉCIA PINTO, nascida cerca de 1574 em Cabeço de Vide, que segue no § 4.
- 4 (III)- ISABEL NUNES, batizada em 12 de setembro de 1576 em Cabeço de Vide, que segue no § 7.
- 5 (III)- LEONOR, batizada em 20 de novembro de 1578 em Cabeço de Vide (fls. 136v), sendo padrinhos Henrique Gomes e Ana Barrassa. Deve ter falecido criança.
- 6 (III)- BRANCA, batizada em 18 de agosto de 1580 em Cabeço de Vide (fls. 137v), sendo seus padrinhos Manuel Álvares e Catarina Álvares. Deve ter falecido criança.
- 7 (III)- GASPAS DIAS. Batizado em 28 de outubro de 1581 em Cabeço de Vide. Segue.
- 8 (III)- ANA. Batizada em 13 de maio de 1584 em Cabeço de Vide (fls. 62). Foram seus padrinhos: Licenciado Diogo Pinto e Guiomar Nunes, filha de Gaspar Dias, tendeiro.<sup>9</sup> Deve ter falecido criança.
- 9 (III)- JOÃO LUÍS. Batizado em 11 de maio de 1586 em Cabeço de Vide. Segue no § 2.
- 10 (III)- LEONOR, batizada em 12 de março de 1589 em Cabeço de Vide (fls. 144v). Foram seus padrinhos: Belchior Barrassa e Inês Dias, parteira. Deve ter falecido criança.
- 11 (III)- BRANCA, batizada em 25 de março de 1590 em Cabeço de Vide (fls. ..). Foram seus padrinhos: Gomes Ferreira e *Catarina* (na dúvida) Ferreira. Deve ter falecido criança.
- 12 (III)- CATARINA FERREIRA. Batizada em 3 de agosto de 1592 em Cabeço de Vide (fls. 191v), sendo padrinhos Brás Luís do Rego e Ana Barreto. Faleceu solteira, aos 15 anos de idade.

---

<sup>9</sup> Guiomar Nunes seria, então, tia de Ana, a que foi batizada em 1584?

13 (III)- FRANCISCO BARRETO, póstumo. Batizado em 25 de dezembro de 1594 em Cabeço de Vide. Segue no § 3.

III- GASPAR DIAS. Batizado em 28 de outubro de 1581 em Cabeço de Vide (fls. 16v), sendo seus padrinhos Pedro Dias e Maria Fernandes. Passou para a vila de São Paulo, no Brasil, tendo adotado o nome Gaspar Barreto. Casou-se cerca de 1612, em São Paulo, com LUCRÉCIA LEME BORGES, filha de Simão Borges de Cerqueira e de sua mulher Leonor Leme.<sup>10</sup> Gaspar Barreto faleceu em 1629 em São Paulo. A viúva, Lucrecia, casou-se, depois, com Antônio Raposo Tavares, célebre bandeirante paulista.<sup>11</sup>

Por morte de Gaspar Barreto, fez-se auto de inventário em data desconhecida, no ano de 1629, na vila de São Paulo.<sup>12</sup> Fez testamento em 18 de maio de 1629 em São Paulo, onde recebeu o “cumpra-se” em 8 de agosto de 1629, data que pode ser considerada a de sua morte. Nesse instrumento, já doente de cama, pedia para serem seus testamenteiros ao irmão João Barreto e à sua mulher, Lucrecia Leme. Deixava vinte mil réis em farinha de trigo postas na vila de Santos ao irmão Francisco Barreto. Depois de seus legados cumpridos, deixava a terça para suas cinco filhas fêmeas. Tinha duas moradas de casas e um sítio na vila de São Paulo, uma morada de casas na vila de Santos, e muitos conhecimentos de pessoas que lhe deviam, inclusive da cidade do Rio de Janeiro. Era, pelo que se depreende, um autêntico banqueiro, emprestando dinheiro a diversas pessoas. O monte-mor avaliado resultou em uma fortuna para a época, ao menos em termos regionais: 1:298\$000 (um conto, duzentos e noventa e oito mil réis). Cada fêmea teria direito a 81\$982.

O irmão João Barreto foi nomeado curador dos órfãos e o outro irmão, Francisco Barreto, era procurador de João Barreto. Por João Barreto estar de partida para Angola, foi nomeado curador dos órfãos o genro do defunto Gaspar Barreto, Lourenço Cardoso de Negreiros. Após três anos de ausência, João Barreto reassumiu a curadoria, em outubro de 1637, em São Paulo. Ainda o era em 1642.

---

<sup>10</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes. Vol. III: Borges de Cerqueira, p. 523.

<sup>11</sup> Do segundo casamento de Lucrecia Leme Borges descendem, entre outros, os marqueses de São João Marcos e de Quixeramobim, títulos do II Império do Brasil.

<sup>12</sup> *Inventários e Testamentos* (publicação oficial do Arquivo Público do Estado de São Paulo). Vol. 8.º, pp. 21-90.

Filhos de Gaspar Barreto e de Lucrecia Leme:

- 1 (IV)- FRANCISCO BARRETO.<sup>13</sup>
- 2 (IV)- SIMÃO BORGES.
- 3 (IV)- GASPAR.
- 4 (IV)- ANTÔNIA BARRETO, ou Antônia Borges de Cerqueira. Nasceu cerca de 1613 na vila de São Paulo, onde se casou em 25 de agosto de 1629, na Sé de São Paulo, com o CAPITÃO LOURENÇO CARDOSO DE NEGREIROS, com geração.<sup>14</sup> Lourenço foi batizado em 16 de agosto de 1602 na freguesia do Loreto, cidade de Lisboa, com parte de cristão-novo, filho de Estêvão Cardoso de Negreiros e de sua mulher Beatriz Pinheiro Lobato. Uma irmã do Capitão Lourenço, D. Catarina de Avelar, foi presa em 13 de maio de 1669 pela Inquisição de Coimbra.<sup>15</sup> Esta senhora foi levada aos cárceres, no mesmo dia, juntamente com suas filhas, D. Catarina de Avelar, *a moça*<sup>16</sup>, e D. Maria de Mesquita.<sup>17</sup> Todas acusadas do crime de judaísmo.
- 5 (IV)- ISABEL BORGES. Casou-se em 1639, na Sé de São Paulo, com MARCOS PINTO, filho de Antônio Pinto e de Cecília Ribeiro. Sem geração. Casou-se, segunda vez, com MANUEL DE OLIVEIRA E SOUSA, de quem deixou geração. Por morte de Isabel Borges, fez-se auto de inventário em 21 de agosto de 1655 em São Paulo.<sup>18</sup> Havia feito testamento em 16 de julho de 1655 em São Paulo, onde recebeu o “cumpra-se” em 18 do mesmo mês e ano.
- 6 (IV)- ANA BORGES DE CERQUEIRA. Casou-se, cerca de 1643, na Sé de São Paulo, com FERNANDO DE OLIVEIRA VARGAS, natural de

<sup>13</sup> É possível que seja o Francisco Barreto, que por sua morte se fez auto de inventário em 14 de novembro de 1676 na vila de São Paulo (Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 492). Deixava viúva Maria Rodrigues, de quem houve dois filhos, seus herdeiros: Inês Barreto, mulher de Domingos dos Rios, e João Barreto, de 14 anos de idade, pouco mais ou menos. Assinou pela viúva, Maria Rodrigues, seu genro Domingos dos Rios. Em 1690 João Barreto habilitou-se à herança.

<sup>14</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Uma tradição secular: Estêvãos e Lourenços Cardosos de Negreiros*. In *Revista da ASBRAP* n.º 7, p. 172.

<sup>15</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Coimbra. Processo n.º 4504.

<sup>16</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Coimbra. Processo n.º 9289.

<sup>17</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Coimbra. Processo n.º 2440.

<sup>18</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 607.



Tavira (distrito de Faro, Portugal), onde foi batizado em 4 de março de 1608. Tinha parte de cristão-novo, sendo filho de Jerônimo Pedroso e de Isabel Gomes.<sup>19</sup> Neto paterno do cristão-novo Fernão Mendes, mercador em Tavira, e de sua mulher Bernarda Pedroso, que faleceu em 6 de outubro de 1591 nos cárceres da Inquisição de Évora.<sup>20</sup> Com geração.

- 7 (IV)- MARIA BARRETO. Casou-se com AGOSTINHO FREIRE RAPOSO. Por morte de Maria Barreto, fez-se auto de inventário no ano de 1659 na vila de São Paulo.<sup>21</sup> Foi declarante o marido da defunta. Deixaram dois filhos, PÁSCOA FREIRE e LUCRÉCIA FREIRE, respectivamente de 6 e 5 anos de idade, pouco mais ou menos. Agostinho Freire casou-se, novamente, com Isabel Cardoso, de quem teve mais dois filhos. Por morte de Agostinho Freire fez-se auto de inventário em 18 de junho de 1670 na vila de Santana de Parnaíba, sendo declarante a viúva.<sup>22</sup>
- 8 (IV)- PÁSCOA BARRETO. Casou-se com MARCOS MESTRE MACHADO. Com geração. Marcos faleceu em 1657 no Rio de Janeiro. Deixou geração. Ele era irmão de João Lopes Biscardo.

## § 2

- III- JOÃO LUÍS, filho de Francisco Barreto, do § 1 n.º II. Batizado em 11 de maio de 1586 em Cabeço de Vide (fls. 97). Foram seus padrinhos: Luís Pinto e Catarina Luís. Casou-se, primeira vez, em 10 de julho de 1611 na vila de Fronteira (matriz, fls. 97v) com ANA Dias, natural da mesma vila de Fronteira. Já no estado de viúvo, João Luís casou-se em 26 de junho de 1614 em Cabeço de Vide (fls. 48v) com ISABEL NUNES, solteira, dispensados no 3.º grau de consanguinidade, por licença obtida junto ao vigário-geral de Elvas.<sup>23</sup> Ele casou-se, pouco depois, em 28 de outubro de 1615,

<sup>19</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Uma família paulista quatrocentona de origem cristã-nova: os Pedrosos e Vazes de Barros*. In Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica n.º 7, p. 172.

<sup>20</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 6988.

<sup>21</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 630.

<sup>22</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 744.

<sup>23</sup> Conforme informação do Doutor Rui Jesuino, da Biblioteca e Arquivo Municipal de Elvas, os processos de banhos do bispado de Elvas, anteriores à guerra da restauração da independência portuguesa, estão desaparecidos. Contato que foi indicado pelo amigo e grande genealogista português, Nuno Borrego.

em Cabeço de Vide (fls. 53) com INÊS AIRES. Inês Aires era solteira, e foram dispensados do grau de parentesco, por sentença do vigário da cidade de Elvas. Segundo depoimento de sua sobrinha Brites Pinto (filha de sua irmã Mécia Pinto), embarcou para fora do Reino sendo casado, e teve uma filha, BRITES, que morreu de pouca idade, e não sabia que tivessem mais filhos. Conforme o depoimento de sua sobrinha Catarina Barreto (filha de sua irmã Mécia Pinto), foi casado, em Cabeço de Vide, com Isabel Nunes, e que, depois de enviudar, se embarcou, não sabia para onde.

João Luís passou para a vila de São Paulo, juntando-se aos irmãos Gaspar e Francisco, adotando o nome João Barreto. Casou-se, novamente (seria, ao menos, pela quarta vez!), já relativamente idoso, em 1635, em São Paulo (Sé, fls. 8v), com D. MARIA LUÍS, filha do Capitão Simão Álvares Martins e de Maria Luís Grou.<sup>24</sup> D. Maria era viúva de Frederico de Melo Coutinho, falecido em 1633 (*apud* Silva Leme). Por morte de D. Maria, fez-se auto de inventário em 13 de novembro de 1652 na vila de São Paulo, em pousadas do viúvo, João Barreto, que foi o declarante.<sup>25</sup> Ela havia feito testamento em 23 de outubro, em um ano que não se consegue ler. Pediu a seu marido João Barreto para ser testamenteiro, e que seu corpo fosse sepultado na igreja matriz da vila de São Paulo, onde já estava sepultado seu primeiro marido, Fradique de Melo. Por não ter tido filhos, foram herdeiros de D. Maria, sua mãe Maria Luís e seu marido João Barreto.

Filhos de João Luís e de Inês Aires:

- 1 (IV)- FRANCISCO, batizado em 29 de maio de 1616 em Cabeço de Vide (fls. 23). Teria falecido criança.
- 2 (IV)- GUIOMAR, batizada em 10 de abril de 1618 em Cabeço de Vide (fls. ..), tendo sido padrinhos Gaspar Dias e Isabel Garcia, filha de Antônio Rodrigues. Teria falecido criança.
- 3 (IV)- BRITES. Faleceu criança.

### § 3

- III- CAPITÃO FRANCISCO BARRETO, póstumo. Filho de Francisco Barreto, do § 1 n.º II. Batizado em 25 de dezembro de 1594 em Cabeço de Vide (fls.

<sup>24</sup> LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.* Vol. I: Introdução, p. 4.

<sup>25</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 605. Neste documento seu nome está assim mesmo: D. Maria, sem constar apelido algum... O que me faz pensar que era a única Maria com tratamento de *dona* em São Paulo.

229), filho de Francisco Barreto, que Deus haja, e de Brites Pinto. Foi seu padrinho Gracia Rodrigues de Moura. Passou para a vila de São Paulo, onde já se encontrava em 1622. Casou-se em janeiro de 1633 em São Paulo (Sé, fls. 2v) com MARIA BORGES DE CERQUEIRA, irmã inteira de Lucrecia Leme, do § 1 n.º III.<sup>26</sup> No assento de casamento, Francisco Barreto cita filiação e naturalidade; seus pais já eram falecidos.

Serviu, ao menos, como testemunha, em duas ocasiões, na vila de São Paulo. A primeira, em princípios de junho de 1658, sendo qualificado como capitão, com 62 anos de idade, pouco mais ou menos, morador na citada vila.<sup>27</sup> A segunda vez, em 31 de maio de 1659, novamente na vila de São Paulo, quando tinha mais de 60 anos de idade.<sup>28</sup>

Filhos de Francisco Barreto e de Maria Borges de Cerqueira:

- 1 (IV)- SIMÃO BORGES DE CERQUEIRA. Casou-se com ISABEL DA COSTA TAVARES, filha do Capitão Diogo da Costa Tavares (meio-irmão do citado Antônio Raposo Tavares) e de Maria Bicudo. Neta paterna de Fernão Vieira Tavares e de sua segunda mulher Maria da Costa, a qual foi presa por judaísmo em Lisboa.<sup>29</sup> Com geração.
- 2 (IV)- ANA BARRETO. Casou-se, primeira vez, cerca de 1666, com GONÇALO DE ALMEIDA, e segunda vez, com JORGE LOPES RIBEIRO. Gonçalo de Almeida fez testamento em 30 de setembro de 1673 na vila de São Paulo.<sup>30</sup> Pediu para serem seus testamenteiros aos cunhados Sebastião Pedroso e João Barreto, e a Manuel Freire. Seu testamento recebeu o “cumpra-se” em 16 de outubro de 1673. Por morte de Ana Barreto fez-se auto de inventário em 4 de agosto de 1684 na vila de São Paulo. Havia feito testamento em 8 de julho do mesmo ano em São Paulo, que recebeu o “cumpra-se” em 12 de julho de 1684. Pediu para

<sup>26</sup> Consoante o assento de matrimônio, os pais de Francisco Barreto já eram falecidos em janeiro de 1633. LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Op. cit.* Volume III: Borges de Cerqueira, p. 547.

<sup>27</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-1-5, de Antônio Rodrigues do Prado, de habilitação de *genere et moribus*. Sua idade confirma o Francisco, batizado em 25 de dezembro de 1594: teria 63 anos de idade. O termo *mais ou menos* significa exatamente mais ou menos...

<sup>28</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 481.

<sup>29</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa. Processo n.º 11992.

<sup>30</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 490. Inventário do casal Gonçalo de Almeida e Ana Barreto. Processo bastante volumoso.

seu corpo ser sepultado na igreja de Nossa Senhora do Carmo, na capela dos terceiros, onde estava sepultado seu marido Gonçalo de Almeida. Pedia para serem seus testamenteiros ao marido, Jorge Lopes Ribeiro e a seu cunhado Lopo Rodrigues. Não deixou geração do segundo casamento, mas deixou duas filhas do primeiro casamento, a saber: ISABEL, de 16 anos, e MARIA, de 14 anos.

Jorge Lopes Ribeiro era natural da vila de Santos, onde nasceu cerca de 1649, filho do português Simão Ribeiro Castanho e de Luzia de Gusmão.<sup>31</sup> Passou de morada para a vila de São Paulo, onde foi escrivão dos órfãos de sua vila, conforme provisão passada em 10 de abril de 1678 pelo capitão-mor da vila de São Vicente, Tomás Fernandes de Oliveira.<sup>32</sup> De acordo com pesquisas de Rodnei Brunete da Cruz, seu descendente, Jorge Ribeiro casou-se três vezes. A primeira, sem descendência, com Ana Barreto. Segunda vez, cerca de 1685, com Isabel Colaço, falecida em 1688, filha do Alferes Francisco da Silva Colaço, natural de Portugal e de Ana Ribeiro de Alvarenga. Casou-se terceira vez, cerca de 1688, provavelmente na vila de São Paulo, com Joana Luís, natural da vila de São Paulo, filha do português Francisco Luís, natural da vila de Aljubarrota, bispado de Leiria e de Isabel da Costa, natural da vila de São Paulo.<sup>33</sup> Jorge Lopes já era falecido em 1732, por ocasião do recibo de uma doação que Paula da Costa fez para sua sobrinha Joana Luís, em seu testamento.<sup>34</sup>

- 3 (IV)- JOÃO BARRETO. Em 1684, para se eximir do cargo de tutor de suas sobrinhas (filhas de Ana Barreto), declarou ser homem solteiro e doentio.
- 4 (IV)- BEATRIZ BORGES BARRETO. Casou-se com seu sobrinho-primo JERÔNIMO PEDROSO DE OLIVEIRA, filho de Fernando de Olivei-

<sup>31</sup> BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Monizes e Gusmões da Capitania de São Vicente*. In *Revista da ASBRAP* n.º 14, p. 155. Jorge Lopes Ribeiro era sobrinho do Padre Antônio Raposo, tido por cristão-novo nas vilas de Santos, onde nasceu, e na de São Vicente, onde foi vigário.

<sup>32</sup> *Registro Geral da Cidade de São Paulo*, volume III, p. 177.

<sup>33</sup> Irmã inteira de D. Rosa Maria de Siqueira, mulher do Desembargador Antônio da Cunha Sotomaior. Com geração.

<sup>34</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nº de ordem: CO 512.

ra Vargas e de Ana Borges de Cerqueira, citados no § 1 n.º IV. Com geração.

§ 4

- III- MÉCIA PINTO, filha de Francisco Barreto, do § 1 n.º II. Nasceu cerca de 1574 em Cabeço de Vide, tendo sido batizada na sua igreja matriz (não localizei o assento). Casou-se com AFONSO DIAS, alfaiate e depois mercador, já falecido em 1649. Irmão de seu concunhado Manuel Rodrigues e de Isabel Barreto<sup>35</sup>, todos filhos de Antônio Dias e de Catarina Barreto, naturais e moradores na vila de Fronteira.<sup>36</sup>

Mécia Pinto foi presa, em 4 de março de 1649, pelo Santo Ofício da Inquisição de Évora, pelo crime de judaísmo.<sup>37</sup> Era viúva e moradora na vila de Fronteira. Não sabia ler nem escrever. Em 26 de março de 1649 fez-se termo de segredo e de ida. Em 15 de julho do mesmo ano a Mesa do Santo Ofício decidiu que ela fosse recebida ao grêmio da igreja e que seus bens não fossem sequestrados, e absolvida da excomunhão em que havia incorrido. Analisada pelo médico, o Licenciado Antônio Gomes Leal, viu-se que estava muito fraca em uma cama, incapaz de todo o movimento e doente dos olhos.

Foram pais de:

- 1 (IV)- CATARINA BARRETO, nascida cerca de 1600 em Fronteira. Segue no § 7.
- 2 (IV)- BRITES PINTO, nascida cerca de 1604 em Fronteira. Segue no § 5.
- 3 (IV)- ANTÔNIO PINTO, nascido cerca de 1606 em Fronteira. Segue.
- IV- ANTÔNIO PINTO. Nasceu cerca de 1606 na vila da Fronteira. Acusado de judaísmo, foi preso em 22 de janeiro de 1648 pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>38</sup> Saiu no auto-da-fé de 28 de fevereiro de 1649, fazendo abjuração em forma, e recebendo pena de cárcere e hábito

<sup>35</sup> Isabel Barreto era casada com o cristão-novo João Mendes, mercador de Crato, que depois se ausentaram para Castela. Tiveram a: Simão Fernandes, mercador em Castela, que já seria defunto em 1649.

<sup>36</sup> Essa Catarina Barreto seria prima-irmã de Francisco Barreto (do § 1 n.º II)?

<sup>37</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 6488.

<sup>38</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 9983 (mau estado). Informações extraídas do site da Torre do Tombo.

penitencial perpétuo, com instrução da fé, penas e penitências espirituais. Casou-se em 8 de setembro de 1631 na vila da Fronteira (matriz, fls. 211v) com GRÁCIA GOMES, igualmente cristã-nova, filha de Paulo Gomes, lavrador, de Fronteira, e de Brites de Oliveira, das partes do Algarve, já defuntos em 1649.<sup>39</sup> Antônio Pinto era trapeiro.<sup>40</sup> Foram pais de:

- 1 (V)- MÉCIA PINTO. Nasceu cerca de 1634 na vila de Fronteira, onde foi batizada na sua igreja matriz. Já era crismada em 26 de março de 1649, quando foi apresentada à Mesa do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>41</sup> Era solteira, com apenas 15 anos de idade. Em 29 de julho do mesmo ano foram vistos seus autos e culpas, sendo que no dia seguinte fez-se termo de ida e segredo.
- 2 (V)- BRITES DE OLIVEIRA. Nasceu na vila da Fronteira, tendo sido batizada em 5 de novembro de 1636 (fls. 79), sendo seu padrinho Fernão Álvares Gomes.<sup>42</sup> Apresentou-se, voluntariamente, em 27 de março de 1649 (um dia depois de sua irmã Mécia Pinto) à Mesa do Santo Ofício da Inquisição da cidade de Évora.<sup>43</sup> Era solteira, de apenas 12 anos de idade. Declarou ser cristã-nova, moradora na vila da Fronteira, que seu padrinho fora o cristão-novo Fernão Álvares e que ainda não havia sido crismada. Foram vistos na Mesa os autos e culpas em 29 de julho do mesmo ano; foi recebida na igreja e abjurou em forma. Recebeu termo de ida no dia seguinte.

#### § 5

- IV- BRITES PINTO, filha de Mécia Pinto, do § 4 n.º III. Nasceu cerca de 1604 na vila de Fronteira, onde foi batizada na sua igreja matriz, tendo sido seu padrinho Antônio Cardoso. Foi crismada na mesma vila, tendo sido seu padrinho o tio João Luís.<sup>44</sup> Casou-se em 5 de fevereiro de 1634 na vila de Fronteira (matriz, fls. 221v) com HENRIQUE GOMES, trapeiro e mercador,

<sup>39</sup> Grácia Gomes, conforme o depoimento de sua filha Brites de Oliveira, na sessão de genealogia, era irmã de Guiomar Gomes, mulher do cristão-novo Manuel Rodrigues, escrivão em Fronteira.

<sup>40</sup> Trapeiro era mercador de panos, que os vendia cortados, ou em retalhos. *Apud* BLUTEAU, Raphael. *Op. cit.*

<sup>41</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 4913.

<sup>42</sup> Seu batizado foi transcrito em seu processo.

<sup>43</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 1825.

<sup>44</sup> O crisma ocorria quando a criança tinha por volta de 13 a 15 anos de idade. Então, João Luís ainda estaria em Portugal cerca de 1617.

já defunto em 1649, irmão de Margarida de Mesas (mulher de Cristóvão de Mesas), filhos de Jerônimo Fernandes, natural de Vila Viçosa, lavrador, e de Isabel Henriques, natural da vila de Fronteira, todos cristãos-novos. Presa pelo crime de judaísmo em 26 de março de 1649, quando foi apresentada à Inquisição de Évora.<sup>45</sup> Na primeira sessão, no mesmo dia de sua prisão, declarou que era cristã-nova, e quem lhe ensinara a lei de Moisés foi sua tia Isabel Barreto, irmã de seu pai. Em 29 de julho de 1649 foram vistos os autos, culpas e confissões da ré Brites Pinto, sendo recebida novamente na igreja. No mesmo dia foi publicada a sentença, fazendo-se termo de ida em 30 do mesmo mês e ano.

Foram pais de:

- 1 (V)- JERÔNIMO FERNANDES, nascido cerca de 1633 na vila de Fronteira, onde foi batizado na matriz. Sua prima Brites de Oliveira, em seu depoimento, a chamou de Jerônimo de Mesas. Jerônimo apresentou-se em 15 de março de 1650 ao Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>46</sup> Era solteiro, de 15 ou 16 anos de idade. Havia recebido ordens de se apresentar em 9 de dezembro de 1649. Confessou práticas judaicas com membros de sua família. Abjurou em 15 de março de 1650, sendo solto no dia seguinte, do que fez termo de ida e de segredo. Casou-se em 3 de maio de 1663 na vila de Fronteira (matriz, fls. 338v) com ISABEL DE Mesas, filha de Diogo Fernandes e de Ana (?) de Mesas, moradores na vila de Borba. Foi novamente ouvido em 11 de novembro de 1667, casado com Isabel de Mesas, mercador em Borba. Do segundo processo de sua irmã Maria Pinto, em 1663, vê-se que, sendo solteiro, havia embarcado para o Brasil.
  - 2 (V)- ISABEL HENRIQUES, nascida cerca de 1636. Segue.
  - 3 (V)- MARIA PINTO, nascida cerca de 1643. Segue no § 6.
- V- ISABEL HENRIQUES, nascida cerca de 1636 em Fronteira. Foi apresentada, em 14 de março de 1650, ao Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>47</sup> A sentença foi exarada no mesmo dia: abjuração em forma, instrução na fé, penas e penitências espirituais, além do pagamento de custas. Tinha apenas 14 anos de idade. Pela sessão de genealogia de sua irmã Maria Pinto, em 1662, era viúva de FRANCISCO LOPES, cristão-novo. Isabel Henriques

---

<sup>45</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 3128.

<sup>46</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 7482.

<sup>47</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 904.

casou-se, segunda vez, em 16 de abril de 1665, na vila de Fronteira (matriz, fls. 79v) com FRANCISCO LOPES GOMES, viúvo que ficou de Guiomar Gomes, naturais da vila de Crato; foram testemunhas Fernão Gomes e Francisco Barreto. Do primeiro casamento de Isabel Henriques nasceram os seguintes filhos:

- 1 (VI)- MANUEL, nascido cerca de 1657.
- 2 (VI)- INÊS, nascida cerca de 1658.
- 3 (VI)- BRITES, nascida cerca de 1659.

#### § 6

V- MARIA PINTO, nascida cerca de 1632 em Fronteira, tendo sido batizada na igreja matriz. Filha de Brites Pinto, do § 5 n.º IV. Casou-se, primeira vez, em 16 de janeiro de 1661, na vila de Fronteira (matriz, fls. 45v) com ANDRÉ MENDES PEREIRA, o “vaca magra”, tendeiro. Ele era viúvo, natural de Vila Viçosa, filho de Manuel Fernandes e de Maria Rodrigues. Foram testemunhas Fernão Gomes e o Licenciado Francisco Barreto, moradores em Cabeço de Vide. Maria Pinto casou-se, segunda vez, em 6 de junho de 1674, na vila de Fronteira (matriz, fls. 124) com JOÃO MENDES PINTO, natural da vila de Borba, viúvo de Inês Álvares. João Mendes era cristão-novo, já reconciliado com o Santo Ofício. Apresentada em 22 de novembro de 1662 ao Tribunal do Santo Ofício de Évora.<sup>48</sup> Era ainda casada com André Mendes Pereira. A primeira sessão deu-se no mesmo dia. Declarou ter 30 anos de idade e confessou culpas de judaísmo. Era prima das irmãs Mécia da Silveira e Inês Lourenço, cristãs-novas, com as quais judaizava.

Novamente foi ouvida em 25 de agosto de 1676, quando estava casada com João Mendes Pinto, de quem não tinha filhos naquela ocasião. Era moradora em Vila Viçosa. No mesmo dia, em 25 de agosto de 1676, foi publicada sua sentença e termo de ida: por ter se apresentado voluntariamente e confessado suas culpas, que fosse recebida pela Igreja.

João Mendes Pinto foi preso, pela primeira vez, em a vila de Borba, onde era alferes, e entregue em 17 de abril de 1672 nos cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Évora. Conforme o inventário que se fez de seus bens, era possuidor de casas assobradadas, em que vivia, na vila de Borba, na rua da Romeira. Na primeira sessão, em 19 de maio de 1672, declarou ser um quarto cristão-novo, natural e morador de Borba, saboreiro, casado com Inês Álvares Vinagre, cristã-velha, filho de Baltasar Pinto,

---

<sup>48</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 1387.



cristão-velho, e de Catarina Dias, meia cristã-nova, igualmente naturais e moradores na vila de Borba. Sua sentença foi publicada em 26 de novembro de 1673 na cidade de Évora, que saísse em auto-da-fé com hábito penitencial perpétuo. Já casados, João Mendes Pinto e Maria Pinto, fizeram petição em 2 de novembro de 1674, que ele foi cumprir sua penitência em sua terra, Borba, e que estava consertado para se casar com Maria Pinto, mulher que havia sido de André Mendes, “vaca magra” e que ela não queria recebê-lo sem que fosse aliviado da penitência a que fora condenado. A Mesa entendeu que não, porque além de Maria Pinto ser cristã-nova, já tinham informação de que eles eram casados ao tempo em que fizeram a petição, e viviam juntos em Borba e que o dito João Mendes até então não havia cumprido sua penitência em Borba, andando sempre fora da dita vila e fazendo contínuas petições à mesma Mesa...

Filho de Maria Pinto e de André Mendes Pereira:

1 (VI)- MANUEL, nascido cerca de setembro de 1662 na vila de Fronteira.

#### § 7

IV- CATARINA BARRETO, filha de Mécia Pinto, do § 4 n.º III. Nasceu cerca de 1600 na vila de Fronteira, onde foi batizada na sua igreja matriz e onde era moradora. Casou-se em 12 de fevereiro de 1615 na vila de Fronteira (matriz, fls. 110v) com ANTÔNIO DE ABREU, meio cristão-novo, boticário; foram dispensados no 4.º grau de consanguinidade. Antônio de Abreu foi batizado em 8 de fevereiro de 1593 na vila de Fronteira (matriz, fls. 80v), filho de Manuel de Abreu, cristão-velho, aparentemente natural de Lisboa, e de Isabel Fernandes, cristã-nova. Catarina Barreto apresentou-se, sem haver culpas contra ela, em 12 de março de 1650, na Mesa do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>49</sup> Declarou que fazia práticas judaicas. A Mesa, em sessão de 14 do mesmo mês e ano deliberou que ela deveria ser recebida ao grêmio e união da igreja, sem ser presa.

Foram pais de:

1 (V)- MANUEL DE ABREU, nascido cerca de 1620 na vila de Fronteira, onde foi batizado na sua igreja matriz. Apresentado em 9 de dezembro de 1649 no Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>50</sup> Confessou práticas judaicas e que estava apartado da fé católica havia 14 anos. Era solteiro e tratante. Sua sentença foi publicada em 11 de dezembro de 1649 na cidade de Évora, as-

<sup>49</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 543.

<sup>50</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 2960.

sinando termo de ida e segredo em 14 do mesmo mês, após ter recebido instrução na fé católica. Já falecido em 1650. De Maria Rodrigues, cristã-velha, que vivia em Fronteira em 1649, teve o seguinte filho natural:

- 1 (VI)- MANUEL, de 6 anos de idade em 1649.
- 2 (V)- LICENCIADO AFONSO PINTO, nascido cerca de 1623, que estudava medicina em Coimbra. Deve ter falecido no ano de 1649, já formado médico.
- 3 (V)- FRANCISCO BARRETO, nascido cerca de 1624 na vila de Fronteira, que também estudava medicina em Coimbra. Já médico, foi preso em 9 de dezembro de 1649 pela Inquisição de Évora.<sup>51</sup> Ainda não tinha 25 anos de idade, pelo que foi nomeado curador. No dia seguinte, na segunda sessão, disse sua genealogia. Disse que foi batizado na igreja matriz da vila da Fronteira, tendo sido seus padrinhos seus tios Antônio Pinto e Brites Pinto, e foi crismado na mesma igreja pelo bispo de Elvas, D. Sebastião de Matos de Noronha, e foi padrinho seu tio segundo, Francisco Barreto, ourives. Reconciliou-se com a igreja em 11 de dezembro de 1649. No mesmo dia ouviu a sentença, tendo sido absolvido da excomunhão maior a que havia incorrido.
- 4 (V)- ISABEL FERNANDES, faleceu sendo de 7 anos.

#### § 7

III- ISABEL NUNES, filha de Francisco Barreto, do § 1 n.º II. Batizada em 12 de setembro de 1576 em Cabeço de Vide (fls. 101v), tendo sido seus padrinhos Manuel João e Isabel Dias. Casou-se em Cabeço de Vide (ou em Fronteira) com MANUEL RODRIGUES, cristão-novo, mercador e, antes tosador e depois trapeiro.<sup>52</sup> Irmão de Afonso Dias, alfaiate, marido de Mécia Pinto, acima, filhos de Antônio Dias e de Catarina Barreto. Manuel Rodrigues ficou em Castela ao tempo da aclamação de D. João IV (1640). Isabel Nunes e Manuel Rodrigues foram pais de:

- 1 (IV)- CATARINA BARRETO. Nasceu cerca de 1615 em Fronteira. Foi presa em 17 de janeiro de 1645, acusada de judaísmo, pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>53</sup> Saiu no auto-

<sup>51</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 1393.

<sup>52</sup> Seriam primos?

<sup>53</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 10923 (mau estado). Informações extraídas do site da Torre do Tombo.

da-fé de 18 de novembro de 1646, fazendo abjuração em forma, e recebendo pena de cárcere e hábito penitencial perpétuo, com instrução da fé, penas e penitências espirituais. Em 18 de maio de 1649 foi retirado o hábito penitencial. Neste mesmo ano vivia em Sousel, casada com DIOGO DE FONTES, cristão-novo, trapeiro ou tratante. Haviam se casado em 7 de setembro de 1633 na vila de Fronteira (matriz, fls. 220); foram testemunhas, Antônio de Abreu e o Licenciado Diogo Lopes.<sup>54</sup> Este Diogo de Fontes havia sido preso em 17 de novembro de 1643 pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>55</sup> Em 7 de dezembro do mesmo ano fez-se inventário dos seus bens. Entre outros, foram arroladas casas na vila de Fronteira, que divisavam, de uma parte, com muros do castelo. Ouvido na primeira sessão, em 17 de novembro, declarou ser paneiro. Na quinta sessão, a de genealogia, em 15 de dezembro de 1643, declarou ser trapeiro, natural da vila de Sousel, tendo sido batizado na igreja de Nossa Senhora da Graça, e morador na de Fronteira, filho de Diogo Gomes, já defunto, que foi trapeiro, e de Maria Gomes, natural da cidade de Lisboa e moradora na vila de Sousel; neto paterno de Fernão Gomes e de Catarina dias, já defuntos, naturais da vila de Estremoz; neto materno de Diogo de Fontes, que foi marchante, natural de Lisboa, e de Brites Gomes, natural de Castanheira, também já defuntos, todos cristãos-novos.

Declarou tios paternos e maternos. Sobre estes últimos, declarou que um deles, Gaspar Gomes, se ausentou para o Brasil e se dizia estar nas minas de São Paulo e não sabia que estado tinha.<sup>56</sup> Disse mais que tinha um irmão (a quem não no-

---

<sup>54</sup> Não sei se se trata do mesmo: Diogo de Fontes, natural e morador na vila de Sousel, viúvo de Guiomar Gomes, casou-se em 20 de março de 1662 na vila de Fronteira (matriz, fls. 56v) com Maria da Silva, viúva que ficou de Manuel Álvares Lemos, moradores na vila de Fronteira.

<sup>55</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 7052.

<sup>56</sup> Gaspar Gomes foi responsável pelas fintas de 1613 e de 1624, que se fizeram dos cristãos-novos de São Paulo. Casou-se, em São Paulo, com Isabel Nunes, de quem teve, ao menos dois filhos: **Diogo de Fontes** (que se casou em 6 de fevereiro de 1634 na Sé de São Paulo, fls. 4, com Isabel Dias, filha de Afonso Dias e de Madalena Afonso) e **Brites Gomes** (que se casou em 23 de maio de 1638 na Sé de São Paulo, fls. 14, com Miguel Nunes Bicudo, filho de Antônio Luís Grou e de Guiomar Bicudo).

meia), que teria 21 anos de idade e se ausentou para o Brasil e ouviu dizer que faleceu solteiro.

Diogo de Fontes saiu no auto-da-fé em 21 de agosto de 1644. Em 20 de setembro de 1644 assinou termo de ida e foi levantado o cárcere e tirado o hábito penitencial. Em 1645 era morador na vila de Fronteira. Pais de, ao menos: MANUEL, nascido cerca de 1639, e de MARIA, nascida cerca de 1644, e de outros que morreram.

- 2 (IV)- FRANCISCO BARRETO. Nasceu cerca de 1609. Segue.
- 3 (IV)- ANA PINTO, nascida cerca de 1619 na vila de Fronteira, tendo sido batizada na sua igreja matriz, sendo seu padrinho o boticário Antônio de Abreu. Presa em 10 de março de 1649 pelo Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>57</sup> Disse ser cristã-nova e que realizou práticas judaicas. Era solteira, de mais ou menos 30 anos de idade, moradora na citada vila da Fronteira. Sua reconciliação foi publicada em 29 de julho de 1649.
- 4 (IV)- AFONSO DIAS. Nasceu cerca de 1629. Sirgueiro.<sup>58</sup> Estava ausente em 1649, ainda solteiro.

IV- FRANCISCO BARRETO. Nasceu cerca de 1609. Ourives de ouro. Preso, em 11 de setembro de 1646, pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora.<sup>59</sup> Saiu no auto-da-fé em 28 de fevereiro de 1649, fazendo abjuração em forma, e recebendo pena de cárcere e hábito penitencial perpétuo, com instrução da fé, penas e penitências espirituais. Por despacho de 26 de março de 1649, foi dada licença para o réu ir para a vila da Fronteira, com a ressalva de não poder se ausentar sem licença da Mesa. Teve de MARIA DE SANDE, mulata forra, nascida e moradora na vila de Fronteira, o filho seguinte:

- 1 (V)- JOÃO BARRETO, nascido cerca de 1632 em Fronteira, tendo sido batizado na sua igreja matriz. Foi levado aos cárceres em 29 de março de 1649 ao Santo Ofício da Inquisição de Évora, ao qual apresentara-se espontaneamente.<sup>60</sup> Era estudante, de apenas 17

<sup>57</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 2163.

<sup>58</sup> *Sirgueiro* significa quem trabalha com fios de seda. *Apud* BLUTEAU, Raphael. *Op. cit.*

<sup>59</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 4620 (mau estado). Informações extraídas do site da Torre do Tombo.

<sup>60</sup> IAN/ Torre do Tombo. Inquisição de Évora. Processo n.º 434.

anos de idade, solteiro, meio cristão-novo. Por ter confessado, recebeu permissão de ida, em 30 de julho de 1649, em segredo.

Francisco Barreto teve de MARIA LOPES, mulher cristã-velha:

2 (V)- ISABEL, nascida cerca de 1646 em Fronteira.



Fonte: <http://www.bookhotelfortaleza.com>,  
vista em maio de 2015